

## A OPRESSÃO DA PERFORMANCE FEMININA NO HOMEM GAY CONTEMPORÂNEO

### THE OPPRESSION OF FEMALE PERFORMANCE IN CONTEMPORARY GAY MAN

Dayene Albuquerque Andrade<sup>1</sup>  
João Paulo Da Silva Pereira<sup>2</sup>  
Allyne Evellyn Freitas Gomes Mendes<sup>3</sup>

**RESUMO:** **Introdução:** Performance de gênero como atravessamento da cultura no sujeito sendo a performance do feminino discriminada pelas regras de conduta social, heteronormatividade compulsória como fissura no processo de subjetivação do homem gay. **Objetivo:** analisar as manifestações de opressão da performance feminina no gay contemporâneo. **Justificativa:** Performar o feminino hoje é se colocar no lugar de inferior devido ao lugar que a mulher e a homossexualidade têm na sociedade hegemônica, e esse *não-lugar* acarreta uma série de conflitos intrapsíquicos e extrapsíquicos no processo de subjetivação do homem gay. **Métodos:** Foi utilizada a revisão narrativa, e de interseccionalidade através das quais busca-se aproximação de respostas para as questões levantadas, de forma crítica e pontual dos artigos localizados nas principais plataformas de pesquisa, dissertações e teses da BDTD, além de livros atualizados ou de autores clássicos e de referência na área. Tendo como destaque os autores Sigmund Freud; Judith Butler; Jonas Medeiros; Guilherme Libardi, Nilda Jacks, Michel Foucault, Simone de Beauvoir e Pierre de Bourdieu. **Resultado:** A internalização das condutas heteronormativas estão incutidas no registro simbólico de agrupamento de leis internas do homem gay e refletem diretamente na não aceitação da sua performance. **Conclusão:** A opressão da performance feminina no homem gay está diretamente ligada a esse desejo social de que o homem não pode demonstrar fragilidade, ou características humanas associadas à mulher e ao feminino.

1179

**Palavras-Chave:** Performance. Gênero. Psicanálise.

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia do Centro Universitário Maurício de Nassau.

<sup>2</sup> Graduando em Psicologia do Centro Universitário Maurício de Nassau.

<sup>3</sup> Mestre em psicologia na UFPE. Psicanalista.

**ABSTRACT:** Introduction: Gender performance as a crossing of culture in the subject, being the performance of the feminine discriminated by the rules of social conduct, compulsory heteronormativity as a fissure in the subjectivation process of the gay man. Objective: to analyze the manifestations of oppression of female performance in contemporary gay. Justification: To perform the feminine today is to put oneself in the place of inferiority due to the place that women and homosexuality have in the hegemonic society, and this non-place entails a series of intrapsychic and extrapsychic conflicts in the process of subjectivation of the gay man. Methods: A narrative review was used, and intersectionality through which we seek to approach answers to the questions raised, in a critical and punctual way, of articles located on the main research platforms, dissertations and theses of the BDTD, in addition to updated books or of classic and reference authors in the area. Highlighting the authors Sigmund Freud; Judith Butler; Jonas Medeiros; Guilherme Libardi, Nilda Jacks, Michel Foucault, Simone de Beauvoir and Pierre de Bourdieu. Result: The internalization of heteronormative behaviors are instilled in the symbolic register of grouping internal laws of the gay man and directly reflect on the non-acceptance of his performance. Conclusion: The oppression of female performance in gay men is directly linked to this social desire that men cannot demonstrate fragility, or human characteristics associated with women and the feminine.

**Keywords:** Performance. Gender. Psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

Inicialmente, elucidamos as temáticas relacionadas a gênero e sexualidade contextualizando alguns marcadores importantes na história da sociedade, no segundo momento trazemos as influências sociais e culturais no processo da formação do superego do homem gay, falamos à luz da abordagem psicanalítica como esses temas interferem diretamente no processo de subjetivação desses sujeitos e sua relação com a opressão heteronormativa às performances femininas no homem contemporâneo.

A população LGBTQIAP+ é atingida diretamente por essa exigência de uma heteronormatividade compulsória, interferindo nos seus modos de subjetivação, na construção de uma capacidade egóica forte o suficiente para o enfrentamento desses atravessamentos impositivos. Isso forma uma fissura na formação do ego desses indivíduos a ponto de dentro dessa população exigirem também uma postura masculina e heteronormativa, pois o contrário disso é visto como promíscuo e inferior, essas exigências alcançam lugares como por exemplo aplicativos de relacionamento *grindr*<sup>4</sup> e organizações de trabalho (MELO; SANTOS, 2020; MOURA; NASCIMENTO; BARROS, 2017).

---

<sup>4</sup> GRINDR: aplicativo de relacionamento dedicado às comunidades gay, bi, trans e queer.

Percebe-se que há dispositivos, modelos sociais e culturais que percorrem as formações egóicas dos sujeitos e, dentro do processo formativo da personalidade há a sexualidade, esta é formada através de desdobramento de experiências do campo simbólico com os referenciais de funções paterna e materna que permeiam, do ponto de vista psicanalítico, a estruturação do sujeito, a descoberta sexual, e o objeto - ou os objetos - que dará vazão às pulsões. Tal contato com os referenciais externos, ou seja, sociais, tornam-se modelos de performance atrelada ao gênero e regulador interno do sujeito do que é performar dentro do seu gênero sexual alinhado à genitália com a qual nasceu (FREUD, 2020 [1915]).

Desde criança, adquire-se ao longo do amadurecimento biológico e psíquico, construções sociais pautadas nas opressões, resultando numa recusa da performance feminina no processo de subjetivação dos homens gay contemporâneos. A repressão do feminino que tem como base interpelações da sociedade heteronormativa e machista, reflete em opressões da performance feminina nas relações homossexuais e homoafetivas como herança desse preconceito de forma direta ou sutil. Desta forma, sem seu desenvolvimento egóico, e superego, fica definido para o homem e para o homem gay: é errado performar o que culturalmente se entende por feminilidade.

O presente artigo propõe reflexões acerca das formações identitárias do que socialmente se entende por homem, e como a construção edípica e de escolha de objeto se apresentam na dimensão intrapsíquica do sujeito. As questões culturais e sociais, que são alguns dos elementos importantes da construção do superego, também são abordadas com propósito crítico.

Dados como o dossiê com o levantamento mais recente feito pelo site da **Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA, 2022)**: “No ano de 2021, tivemos pelo menos 140 (cento de quarenta) assassinatos de pessoas trans, sendo 135 (cento e trinta e cinco) travestis e mulheres transexuais, e 05 (cinco) casos de homens trans e pessoas transmasculinas”, auxilia na clarificação da problemática social pois, é notório que a violência predomina sobre as travestis e mulheres trans. O que demonstra que performar o feminino e abdicar da heteronormatividade, além de ser considerado desrespeitoso para uma parcela preconceituosa da sociedade, atrai violência e morte. Desta forma, os benefícios da presente pesquisa se estendem à comunidade científica como insumos de estudo e pesquisas futuras, à comunidade

LGBTQIAP+ pretendendo contribuir na diminuição de mortes e violência e, para a sociedade como um todo, proporcionar a liberdade de suas construções identitárias e performáticas.

Para a discussão levantada, partimos de uma pesquisa bibliográfica de revisão narrativa, partindo de dissertações de mestrado e livros com temáticas relacionados/às comunidades LGBTQIAP+; ciências sociais, gênero e psicanálise.

## MÉTODOS

Realizamos uma pesquisa bibliográfica de revisão narrativa, através da qual busca-se aproximação de respostas para as questões levantadas, de forma crítica e pontual dos artigos localizados nas principais plataformas de pesquisa, dissertações e teses da BDTD, além de livros atualizados ou de autores clássicos e de referência na área.

A análise utilizada nesta pesquisa bibliográfica é de natureza qualitativa de conteúdo dos artigos e livros, relacionando os temas gênero, performance e psicanálise criando um diálogo a partir dos discursos apresentados. Estão incluídos nessa pesquisa regulamentações, artigos, dissertações de mestrado e livros com temáticas relacionados/as à comunidade LGBTQIAP+, antropologia, ciências sociais, gênero e psicanálise dentro dos tópicos citados. Não serão abordados artigos, dissertações de mestrado e livros com temas LGBTQIAP+ que não abordem o homem gay; Assim como artigos, dissertações de mestrado e livros que dentro do campo da psicologia não abarque a episteme psicanalítica.

Também é possível abordar nessa pesquisa o olhar da Interseccionalidade, já que abordaremos a relação das influências da sociedade predominantemente autoritária e sua inter-relação com as construções subjetivas do homem gay contemporâneo (LIBARDI; JACK, 2020).

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### FEMINILIDADE INATA?

Ao nascer, percebe-se a peça genitália que acompanha o recém-nascido e ao identificá-la como pênis tem-se um menino, ao contrário, quando se identifica como vagina tem-se uma menina. É uma marca, quase como dessas de nascença, que acompanha o indivíduo por toda sua

vida; transgeracional e mais do que isso, o situa num lugar no mundo, lugar esse em que se recebe um roteiro de conduta: a performatividade.

A performance de gênero é algo que atravessa o sujeito a partir do social que o interpela, nascer homem ou mulher é determinado pela genitália, e essa imposição apresenta-se culturalmente desde o que se chama de primórdios. Quando, diante dessa regra que já está posta, um gênero começa a performar o gênero oposto, esse sujeito é rechaçado socialmente de forma imediata. O agravo do delito social é ainda maior quando é o gênero masculino que quer performar como feminino, já que a mulher culturalmente é categorizada como submissa e subserviente pelos diversos dogmas que sustentam o social, afinal, no discurso, gênero e sexo se misturam (BUTLER, 2018).

Desde meados de 1950, nos Estados Unidos, há o que se pode chamar de confusão no que diz respeito ao pensamento da sexualidade e gênero, sendo “malvista” qualquer performance diferente da sexualidade que confrontava o modelo tradicional, monogâmico e normativo. O que sustentava tais pensamentos tidos como universais, nas sociedades ocidentais era uma pirâmide erótica, onde eram avaliados os comportamentos sexuais em um sistema hierárquico, sendo as performances sexuais heterossexuais e monogâmicas respeitadas socialmente, fazendo-as ocupar o topo dessa pirâmide. Já a classe de gays e lésbicas, mesmo que seguissem um modelo monogâmico, ficavam na base da pirâmide e, abaixo da linha encontrava-se transexuais e travestis, assim como mulheres e homens que trabalhavam como profissionais do sexo. Diante desse quadro, os homossexuais e as mulheres solteiras eram vistos como tendo uma conduta sexual ofensiva, ou seja, inadequada às leis sociais já postas, e tal conceito acabou sendo reproduzido nas sociedades até os tempos atuais (RUBIN, 2017).

Tais marcadores de divisão social reforçaram a construção de poder do lugar dado ao homem heteronormativo, no percurso histórico da construção do que é sexualidade, gênero e performance. Fica assim Incutido, desde a criação das crianças, um modelo performático que merece prestígio social e outro que não o merece. Performar feminilidade é comumente associada a docilidade, subserviência, trabalhos domésticos e/ou que não exijam força, procriação, e supressão de desejo. Do lado oposto, performar o masculino está associado a força,

virilidade, trabalhos de “força braçal”, dominância e exploração de seus desejos (BOURDIEU, 2021).

A mensagem nas entrelinhas, porém tão visível como um feixe de luz neon, é que a mulher dentro desse contexto existe a partir de um *não-lugar*, do oposto do homem, subentendendo-se que o homem já existia antes e a partir deste vem um *outro*, um ser desnecessário, um objeto à parte, e por tanto, inferior. Como já demonstrava Beauvoir (2009, p. 312), na abertura da parte dois de seu livro *O segundo sexo*, título que por si só já coloca em palavras diretas qual a posição que a mulher é colocada na sociedade:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que se qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*.

Dessa forma, na construção do homem gay em uma sociedade hegemônica, onde é atravessado por um pensamento e uma performance que são contrárias ao seu modo de ser, faz com que esses indivíduos precisem esconder do social sua fragilidade, sensibilidade e feminilidade pois esses comportamentos remetem ao ser mulher tido como passivo e inferior. Então, estes sofrem diariamente essa violência por uma supressão de sua existência subjetiva, biológica e performática por uma classe dominadora que dita as formas e condutas adequadas. A forma que o homem gay encontra de existir no mundo social é através da passabilidade<sup>5</sup>, ou seja, assemelha-se aos comportamentos heteronormativos tanto em seu desenvolvimento quanto na vida adulta, gerando uma série de preconceitos internalizados contra o seu próprio eu. Trazendo Bourdieu (2021, p. 58-59):

[...] Homossexuais sendo criados como heterossexuais interiorizam o ponto de vista dominante e podem assumir esse ponto de vista a respeito de si mesmos. (o que os inclina a uma espécie de discordância cognitiva e avaliativa, capaz de contribuir para sua especial clarividência), bem como compreender o ponto de vista dos dominantes melhor do que eles podem compreender o seu.

---

<sup>5</sup> PASSABILIDADE: “ A passabilidade, implica em uma performatividade de gênero, que dispõe um conjunto de atos reguladores e repetidos que asseguram uma imagem substancial de gênero no registro de uma matriz heterossexual e cisgênera” (PONTES, 2017).

A esse modo, Bourdieu nos ajuda na busca da compreensão de como esse sujeito internaliza as influências culturais e as tem como suas, quase uma produção própria. Podemos ser inclinados a pensar que o homem gay, utiliza-se da passabilidade mesmo de forma intimamente desconfortável mas, conscientemente identificando a conduta heteronormativa como correta, adequada e até predestinada ao indivíduo que nasce com o pênis. Mesmo que este deseje o mesmo sexo, ele precisa performar dentro do que o social determina como masculino, aliás, como ele mesmo internalizou o que é ser masculino.

Contrapondo o que se estabelecia quase como uma fórmula precisa e indiscutível, Foucault (1999) em sua obra, *História da sexualidade I*, formulou sua crítica de que os desejos sexuais são construídos histórica e socialmente em cada indivíduo, e não são condições pré-estabelecidas biologicamente, ou seja, as relações dominantes das sexualidades não dizem respeito apenas à procriação de cunho heteronormativo. Abrindo caminhos para falar sobre performance e prazer sexual livre de qualquer forma de coerção social como acontecia e acontece com a homossexualidade na sua vida extrapsíquica e intrapsíquica.

## DINÂMICA INTRAPSÍQUICA DA SEXUALIDADE EM PSICANÁLISE

1185

Em *As pulsões e seus destinos*, Freud (2020 [1915]) esclarece e exemplifica o caráter energético e a força constante das pulsões, deixando claro que elas não têm objeto fixo como destino, inclusive sendo este o que há de mais variável, pois elas são regidas pelo princípio do prazer. A prioridade (meta) das pulsões é o alívio de tensão acumulada pelo caráter constante, ou seja, obter o prazer é o objetivo primordial das pulsões, só então em segundo plano está a satisfação sexual, dito isto, é inapropriado associar escolha objetual como adequada ou não para determinado gênero.

Logo nas primeiras formulações de sua teoria, Freud postula a bissexualidade originária como fundamental no sujeito ainda criança, e ao atravessar o complexo de Édipo, há uma identificação com um dos sexos e então se teria uma remissão de uma das esferas dessa sexualidade, ficando esta adormecida, no entanto, presente. Após passar complexo de Édipo, solidifica-se a castração simbólica e o Superego a ação reguladora e repressora, uma lei externa agora internalizada como um interdito, um contorno que nos sinaliza que não se pode ter tudo.

Tradicionalmente, e durante muito tempo, o complexo de Édipo também era o marco da escolha objetual e da identificação sexual hétero como mais satisfatória, afinal, o consenso social era de que: deseja-se o sexo oposto e identifica-se com o mesmo sexo, e o sexo é definido a partir da genitália como vimos acima. A bissexualidade primária faz com que na cena do conflito edípico, ao mesmo tempo em que o indivíduo a exemplo de um menino, se identifica com o gênero masculino e deseja o gênero oposto, ele performa como menina, desejando e performando o sexo oposto. Isso faz com que as escolhas objetuais sejam bem menos objetivas do que se tenta impor.

Essa interferência da bissexualidade torna muito difícil compreender as primitivas identificações e escolhas objetuais, e ainda mais difícil descrevê-las de modo inteligível. Também pode ser que a ambivalência constatada na relação com os pais deva se referir inteiramente à bissexualidade, e não, como apresentei acima, ter se desenvolvido a partir da identificação, pela atitude de rivalidade (FREUD, 2011[1923], p. 24).

O herdeiro deste processo edípico, como bem já disse Freud, o Supereu, é formado pelas leis e tradições transgeracionais e culturais, marcado principalmente pela interdição paterna, o limite simbólico de que a criança não pode tudo. Quando o menininho no furor de suas pulsões e imerso na sua ambivalência sente o desejo pela mãe e pelo pai e ao mesmo tempo sente o terror de sofrer uma castração, abandonando então o objeto representado pela mãe para não ser destituído do seu falo. Ainda na lógica da bissexualidade fundamental, nada impede que haja uma identificação e desejo pelo pai e a mãe faça a função de castração simbólica sendo o interdito que indica o limite entre o menininho e o pai desejado.

Em suma, o ideal do eu (supereu), é o conjunto dos resíduos das primeiras escolhas objetuais do indivíduo somado às leis que interditam tal objeto. Através do representante da lei, ou seja, o ser que separa o fusionalismo deste menininho com seu primeiro objeto, descolando-o de uma satisfação total e um prazer absoluto, o apresenta ao mundo. Onde, os comportamentos, as performances, as religiões, a cultura como um todo é aprendida e internalizada e o que era repressão (externo) passa a ser recalque (interno) FREUD (2011[1923]), posto isto, quem tenta ditar qual objeto ou performance é apropriado para cada gênero ou sexo é a cultura na qual o sujeito está inserido, a exemplo de quando os comportamentos tidos como femininos são apresentados nos garotos e essa lei e instituição familiar, reprimem e estabelecem como errados, impróprios, imorais etc. É internalizado pelo próprio sujeito que performar dessa maneira é inapropriado.



## O SUJEITO E O DESEJO

Seja nas organizações de trabalho, nos bairros, nos aplicativos de relacionamento como GRINDR, ou mesmo diariamente, dentro da comunidade LGBTQIA+, as impressões que surgem estão predominantemente sobre a questão da performatividade feminina, ou seja, do homem gay ter de permanecer sob a performance masculina para ser aceito ou respeitado socialmente. O ano é 2022, e “até que tudo bem ser gay, mas não pode ser afeminado” pois precisa “se dar ao respeito”, como demonstra o relatório anual do **Grupo Gay da Bahia (GGB)**, que embora não seja um site científico, traz importantes contribuições a respeito da temática: “300 LGBT+ sofreram morte violenta no Brasil em 2021, 8% a mais do que no ano anterior: 276 homicídios (92%) e 24 suicídios (8%). O Brasil continua sendo o país do mundo onde mais LGBT são assassinados: uma morte a cada 29 horas.”

A internalização das condutas heteronormativas estão incutidas no registro simbólico de agrupamento de leis internas do homem gay e refletem diretamente na não aceitação da sua performance. A construção subjetiva da criança com características associadas ao feminino perpassa pela repressão, sendo constantemente orientadas na família, na escola e comunidade a não performar de tal forma, proferindo a estas injúrias como “É menino ou menina?”, “Essa Coca é Fanta!” ou “Bichinha” acarretando nessas crianças a sensação de inadequação em um período em que ela nem imagina a opressão que está vivenciando, assim como, ainda não mensura a sua própria concepção de si. Essas violências diretas e sutis, acabam marcando na vida psíquica desses indivíduos a ideia de que ser ele mesmo ocupa um lugar bem definido socialmente, de inferioridade e desvalorização do seu próprio jeito de ser (ERIBON, 2008).

Essas marcas não são apenas para demarcar o lugar do gay com performatividade feminina na sociedade, mas também acabam dominando as suas experiências pessoais e mais íntimas. Essas opressões de modos de ser, são inscritas como um domínio simbólico, onde o oprimido entende melhor o seu opressor do que a si próprio, como nos demonstra Bourdieu (2021) ao falar da violência simbólica, essa que está incrustada na edificação do EU do sujeito, visto que desde o nascimento existem forças sociais e institucionais entalhando no sujeito modos de se adequar ao que já está posto ou ocupar um lugar de oprimido ou de um *não-lugar*.

Junto a isto, as leis superegóicas que são internalizadas na construção e dissolução do complexo de Édipo citado no tópico anterior, deixam claro qual performance merece lugar de rechaça, e qual merece lugar de “aceitação” ou passabilidade pois, assemelhar-se aos trejeitos heteronormativos garante dignidade.

Atualmente no processo de experienciar a vivência homoafetiva dos homossexuais existe um preconceito na escolha do objeto quando este é o homem gay que performa feminino. Por representar o lugar social da mulher, é comum que exijam dele uma conduta submissa e de assujeitamento a uma passividade de comportamentos e de performance sexual. Reconhecer nesse outro, uma conduta, comportamento ou performance que lhe é cerceada, provoca um desconforto nessa identificação e uma auto recriminação, atuada pelo superego introjetado como lei imperiosa. Devido às influências dessa classe dominante no processo de subjetivação desses indivíduos, ao deparar-se com um *gay afeminado* acabam de forma inconsciente reproduzindo o preconceito internalizado, pois, “o feminino é tão abominável que quem o é se esforça para não sê-lo” Almeida (2011, p. 17). Os homens que performam de maneira tida socialmente como feminina são excluídos, negados, entre os homens gays que se utilizam da passabilidade ou que confortáveis consigo mesmos performam do que se entende por masculino. Cria-se então um padrão onde os gays que performam masculino, que se aproximam mais da performance heteronormativa, acabam sendo mais aclamados e escolhidos, devido a internalização e aceitação da performance aprendida ainda na infância de um homem ideal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que entendamos a importância biológica dos sexos, quando falamos de desejo sexuais precisamos expandir a percepção para além do biológico, afinal nenhum exame ocular consegue mensurar até onde conseguimos levar nossa visão, não seria diferente com as performances sexuais e dos desejos humanos.

A opressão da performance feminina no homem gay está diretamente ligada a esse desejo social de que o menino não pode demonstrar fragilidade, ou características humanas associadas à mulher e ao feminino. Durante o artigo demonstramos alguns marcadores sociais, intra e extra psíquicos que no processo de desenvolvimento dessa criança são ensinados como

inferior, mesmo sendo essencialmente humanos, e acontece um tipo de invasão na intimidade egóica desses indivíduos por esse discurso pronto de não ser você e não viver seu singular. Mesmo que esse sujeito hoje apresente um conhecimento acerca da homossexualidade e aceite sua escolha objetal, quando se deparam com um gay afeminado ativa sua regulação interna, aprendida e inconsciente, localizando esse desconforto que lhe é familiar e que fala diretamente com a sua criança interior na revivescência do processo de internalização das leis e normas sociais que reprimiram e afastaram toda e qualquer possibilidade de ter traços e/ou trejeitos associados ao feminino. Então entendemos que ainda hoje esse preconceito do homossexual contra ele mesmo, em especial com os seus traços afeminados, reforçam essa dominância masculina presente nas retaliações no seu performar. Isso aparece, entre outras formas, em forma de desinteresse quando um homem gay ao relacionar-se ou entrar em contato com esses sujeitos que vivem seu singular e livre dessas imposições sociais, gerando um desconforto no íntimo deste indivíduo.

Como pretendido demonstrar ao longo do presente artigo, o desejo e a escolha objetal são forças pulsionais que irrompem a consciência exigindo uma realização de desejo orientado primordialmente à satisfação, não importando o sexo biológico e/ou genitália que dê vazão a essa satisfação. Então, essa espécie de bússola interna, que tenta localizar o desejo, é constantemente direcionada para lados contrários a este, com as forças das culturas, as religiões, e de toda ação impeditiva e limitadora que compõe a formação superegóica, de forma que, o contra investimento que o sujeito faz para barrar tal desejo forma sintomas e diversos sofrimentos psíquicos.

A introdução de que existe uma única conduta performática adequada está por todos os lados, da forma mais sutil até a mais explícita, da formação intrapsíquica do sujeito em termos metapsicológicos até as normas sociais das culturas que o sujeito pode estar inserido, dizendo-lhe até no mais minucioso detalhe que sua expressão mais singular é podada, tolhida. Essa fissura na construção egóica do sujeito é formada de maneiras tão diversas que é quase como um feitiço, lançado distante o suficiente para não atingir quem o lança e perto o suficiente para inebriar o enfeitado. Essa inebriação o faz sentir-se inadequado, oprimido, e ainda assim,

entender no âmago de seu ser que existe algo de errado com ele mesmo, e que de alguma forma isso precisa mudar.

Como o dado do GGB e da ANTRA nos demonstram, no ano passado, o aumento de mortes de homens gays e outros membros da comunidade reafirma essa opressão social a esse comportamento feminino, tem contribuído com as queixas presentes nas clínicas sociais e ampliadas. As evidências aparecem durante as pesquisas para este artigo, em autores como (MELO; SANTOS, 2020; MOURA; NASCIMENTO; BARROS, 2017), nas situações em que um homem gay que busca entrevista de emprego e precisa usar da passabilidade para conseguir validar sua construção profissional e acadêmica, fazendo-os reviver novamente esse preconceito internalizado nas instituições sociais.

É na intenção de mudar essa sensação de inadequação que muitos procuram o processo psicoterapêutico, e o profissional deve estar atento a todas essas influências e alinhado ao código de ética da profissão com resoluções como cfp nº 001/99 de 22 de março de 1999 que dentre outras orientações traz no Art. 2º que “Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatização contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas”. A profissão psicologia tem em suas regulamentações o dever social de ajudar essa e qualquer outra comunidade que sofra esse tipo de preconceito, pretendendo contribuir na redução de mortes. O compromisso social do psicólogo para com a saúde mental de forma coletiva também abarca o campo da clínica, e por tanto, neste, o psicólogo deve executar o código de ética da profissão em seus fundamentos mais elementares, não praticando nem reforçando comportamentos homofóbicos, transfóbicos, ou quaisquer práticas que firam os Direitos Humanos de quem procura o atendimento psicoterapêutico.

Por fim, pretende-se com o presente artigo, que os benefícios se estendam à comunidade científica como insumo de estudo e pesquisas futuras, à comunidade LGBTQIAP+ que na política atual do Brasil tem sofrido com violência física e psíquica, contribua na diminuição de mortes e violência e para a sociedade como um todo praticar as suas construções identitárias e performáticas com liberdade. Além disso, pretende-se contribuir com a atuação do profissional psicólogo na lida de demandas de sofrimento dentro dessa temática.

## REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G. Benevides (Org). **Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Editora Expressão Popular. Brasília: Distrito drag, ANTRA, 2022. em: <https://antrabrasil.org/assassinatos/> Acesso em: 01 de abril 2022

BEAUVOIR, Simone. (2009). **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BOURDIEU, Pierre. (2021). **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Ed.19. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BUTLER, Judith. (2018). **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CONSELHO Federal de Psicologia. Resolução CFP N.º 001/99.de 22 de março 1999 Código de Ética Profissional. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf> acesso em: 12/11/2022 às 14:30.

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. “Sou gay, porém totalmente discreto”: os estereótipos e a criação do ethos em um site de relacionamento gay. **Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras**, v. 3, p. 39-61, 2011.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

1191

MOURA, Renan Gomes; NASCIMENTO, Rejane Prevot; BARROS, Denise Franca. **O problema não é ser gay, é ser feminino: O gay afeminado e as organizações**. Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 4, n. 11, p. 1478-1541, 2017.

OLIVEIRA, José ; MOTT, Luiz. **Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil: Relatório de 2021**. 1. ed. Salvador: Editora Gay da Bahia, 2022. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/novo-relatorio-do-grupo-gay-da-bahia-registra-329-mortes-violentas-de-lgbt-em-2019/> Acesso em: 20/11/2022 às 22:14.

PONTES, Júlia Clara; SILVA, Cristiane Gonçalves. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 8, p. 396-417, 2017.

FOUCAULT, Michael. (1999). **História da sexualidade I**, Rio de Janeiro: Editora Graal.

FREUD, Sigmund. (2020 [1915]). **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica.

FREUD, Sigmund. (2011[1923]). **O eu e o id**, “autobiografia” e outros textos. São Paulo: Cia das Letras.

IBARDI, Guilherme; JACKS, Nilda. 2020. **Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica:** apontamentos para a pesquisa de recepção e consumo midiático. *Signos do Consumo*, v. 12, n. 2, p. 3-13.

RUBIN, Gayle. *Pensando o sexo: Notas para uma teoria radical da politica da sexualidade. Políticas do sexo*, 2017.